



## Editorial

### Dossiê Hegel e Marx

**Orgs. Rodnei Antonio Nascimento e Sílvio Rosa Filho,  
com colaboração de Francisco Pinheiro Machado**

Este dossiê da Revista Limiar reúne, em várias reprises, os pensamentos de Hegel e de Marx. Composto por artigos, ensaios e traduções de jovens pesquisadores, atesta a complexidade de um campo temático no qual a busca de articulações entre a história – sua centralidade conceitual – e o tempo presente – com suas inquietações críticas, práticas e teóricas – emerge a partir de ângulos distintos de interrogação filosófica.

Não por acaso o termo “novo” aparece de modo recorrente ao longo dessas contribuições, seja para caracterizar o surgimento da forma discursiva inédita da dialética hegeliana, seja para mostrar como ela permite compreender, por exemplo, o materialismo e o ateísmo do século XVIII como resultado da representação e do sentimento religiosos, na leitura que Hegel faz de Holbach. O “novo” se manifesta, igualmente, na imantação das formas estéticas que remontam ao que Hegel designava como ciclo mítico de Tebas, retomado no tratamento esquiliano da colisão trágica e na formulação do problema da guerra fratricida, ou ainda, na passagem da poética da tragédia à filosofia do trágico, para pensar, com Schiller, uma nova chave para conteúdos ético-políticos de alcance universal; o traço do novo não deixa de aparecer na passagem à modernidade das artes visuais, com sua tradução das relações sociais burguesas, mundanas e prosaicas no espaço da pintura holandesa; na elevação da arte poética, em contrapartida, a autocrítica de Goethe a seu romantismo juvenil parece nutrir e revigorar a severidade da crítica hegeliana aos remanescentes do primeiro romantismo. Assim também, as condições de legibilidade das estruturas históricas seriam solidárias ao esforço de atualização constante, quer na releitura filosoficamente orientada dos *Grundrisse* para pensar movimentos sociais contemporâneos, quer na estimativa de uma normatividade antitética da teoria social para vislumbrar o eixo da transformação, quer ainda na explicitação do nexos entre o saber sócio-político e o teor da síntese marxiana voltada para a emancipação.

Ora, se o desbloqueio do novo se opera no interior da própria dialética moderna como experiência de uma dialética materialista, tal inversão seria necessariamente uma “negação determinada de Hegel”? O exercício da dúvida, no que concerne à dialética, permite discernir entre contradições do presente e miragens fatalistas? Tomando, por fim, a análise da forma mercadoria como fio condutor da dialética hegeliana e de seus avessos materialistas, a tentativa de incorporação de problemáticas recentes interpela o papel desempenhado pela “abstração real” e pela “dissociação-valor”, ora na forma contemporânea de estruturação dos desejos individuais mediados por aplicativos com ação nas bolsas de valores, ora na copresença das mulheres, tanto nas esferas a que estiveram histórica e pré-historicamente circunscritas, como na “ruptura com a mulher ontológica”, que traz consigo as questões atinentes à classe, à raça e ao *queer*, até à soleira de uma esfera pública em acelerado estado de mudança ou de decomposição.